



A crise em que nos encontramos e um caminho a seguir

Filipe Ferreira

Portugal está a passar por um dos momentos mais conturbados da sua história recente. A situação económica do país, com as dificuldades sentidas pelas empresas, nomeadamente do nosso sector vem impor um momento de reflexão. Construiu-se muito no passado, com uma estratégia errada, com ocupação descontrolada de solos nas periferias e abandono dos centros históricos.

Temos vindo a assistir a dificuldades com empresas que trabalham na conservação e restauro e reabilitação do património, algumas com trabalho de prestígio, com provas dadas de seriedade e competência e que, devido à estratégia errada, da qual não foram responsáveis, acabaram por fechar. Algumas dessas empresas eram associadas do GECORPA, que por ironia tem alertado para esse perigo.

Devemos aproveitar esta fase difícil por que passamos para rever estratégias, para transformar as fraquezas em forças. A História ensinou-nos que é nos momentos de crise que se avança com maior determinação e coragem para enfrentar as adversidades, contrariamente às situações de estabilidade económica. Cabe às empresas que trabalham no património a missão de zelar pela sua preservação.

O GECORPA tem, desde a sua criação, essa missão. Embora tenha sido fundado numa conjuntura mais favorável, tem vindo a alertar para os perigos futuros, que agora se estão a concretizar, para os riscos de estratégias erradas na construção e manutenção do parque edificado, com as implicações em termos de sustentabilidade e na degradação do nosso património.

Deverá ser finalmente reconhecido que as construções históricas e os bens culturais a elas associados constituem uma das parcelas mais importantes do património cultural, competindo a todos nós a sua salvaguarda e transmissão, nas melhores condições, às futuras gerações.

Para a sua salvaguarda, deverão ser acautelados vários factores. As intervenções deverão ser efetuadas por empresas adequadamente qualificadas, em colaboração com empresas e profissionais de outras especialidades, como a arquitectura, a história de arte, a conservação e restauro, a arqueologia, as especialidades técnicas de engenharia.

Estas intervenções não podem ser abordadas pelos métodos vulgarizados pela Construção Civil e Obras Públicas corrente, num mercado concorrencial sem regras, onde não são reconhecidos esses valores.

A excelência nas intervenções é um objectivo a perseguir, com recursos humanos qualificados e o conhecimento das técnicas tradicionais do saber-fazer. Deverão ser respeitados os princípios referidos nas cartas internacionais, como por exemplo os definidos pelo ICOMOS – International Council on Monuments and Sites, e consignados na Carta de Veneza.

Estes são em essência, os princípios que deverão ser respeitados pelas empresas que se dedicam à conservação e ao restauro das construções históricas e dos bens associados, e que constituem a Declaração de Princípios do GECORPA.

Os bons exemplos apresentados nesta revista mostram que existe uma esperança de levar a bom porto esta missão que é de todos nós.